
MENINO DO MATO E O PANTANAL: PERCEPÇÃO, REPRESENTAÇÃO E SABER AMBIENTAL

WOOD BOY AND THE PANTANAL: PERCEPTION, REPRESENTATION AND ENVIRONMENTAL KNOWLEDGE

NIÑO DE MATO Y EL PANTANAL: PERCEPCIÓN, REPRESENTACIÓN Y CONOCIMIENTO AMBIENTAL

Camila de Freitas Vieira¹
José Flávio Rodrigues Siqueira²
Maria Rita Mendonça Vieira³
Angela Maria Zanon⁴

RESUMO: Este trabalho discute as representações sociais e relações entre humano-natureza, e as possíveis contribuições para a Epistemologia da Educação Ambiental, apresentadas na obra “Menino do Mato” de Manoel de Barros sobre o espaço geográfico Pantanal. Para tal, o procedimento metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa a partir da obra “Menino do Mato”, onde buscamos as interrelações entre os referenciais de Leff (2001) que apresenta o Saber Ambiental; de Tuan (1980) acerca da percepção ambiental e topofilia; e de Moscovici (2005) em sua abordagem sobre as representações sociais. Compreendemos que a obra de Manoel de Barros contribui para a apreensão da racionalidade ambiental, para a aquisição de um novo significado para o ambiente, colabora para o campo da Educação Ambiental quando apreende uma nova forma de saber, o saber ambiental, além de despertar para uma educação mais sensível e transformadora, quando insiste nessa transfusão humano e natureza.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Pantanal. Representações Sociais. Percepção Ambiental. Saber Ambiental.

ABSTRACT: This paper discusses the social representations and relations among human-nature, and the possible contributions to the Epistemology of Environmental Education,

1 Licenciada em Letras, Mestra em Estudos de Linguagens e Doutoranda em Ensino de Ciências/PPEC/UFMS. E-mail: camilabfreitasv@gmail.com.

2 Licenciado em Biologia, Especialista em Educação Ambiental, Mestre em Educação e Doutorando em Ensino de Ciências/PPEC/UFMS. E-mail: siqueirajfr@gmail.com.

3 Graduada em Ciências Biológicas, Especialista em Educação Ambiental e Espaços Educadores Sustentáveis, Mestra em Ensino de Ciências e Doutoranda em Ensino de Ciências/PPEC/UFMS. E-mail: mariaritamvieira@gmail.com.

4 Graduada, Mestra e Doutora em Ciências Biológicas e Professora Pesquisadora Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências – Mestrado e Doutorado/PPEC/UFMS. E-mail: zanon.ufms@gmail.com.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul–UFMS/MEC –Brasil.

Artigo recebido em outubro de 2020 e aceito para publicação em dezembro de 2020.

presented in Manoel de Barros's "Menino do Mato" composition on Pantanal geographic space. For this, the methodological procedure adopted was a bibliographic research with a qualitative approach based on the work "Menino do Mato", we seek the interrelationships among the references of Leff (2001) that presents the Environmental Knowledge; of Tuan (1980) on environmental perception and topophilia; and of Moscovici (2005) in his approach to social representations. We understand that the composition of Manoel de Barros contributes to the apprehension of environmental rationality, to the acquisition of a new meaning for the environment, collaborates for the field of Environmental Education when it apprehends a new way of knowing, environmental knowledge, in addition to awakening to a more sensitive and transforming education, when it insists on this human and nature transfusion.

Keywords: Manoel de Barros. Pantanal. Social Representations. Environmental Perception. Environmental Knowledge.

RESUMEN: Este documento analiza las representaciones sociales y las relaciones humano-naturaleza, y las posibles contribuciones a la Epistemología de la Educación Ambiental, presentadas en "Menino do Mato" de Manoel de Barros sobre el espacio geográfico Pantanal. Para ello, el procedimiento metodológico adoptado fue la investigación bibliográfica con enfoque cualitativo de la obra "Menino do Mato", buscamos las interrelaciones entre las referencias de Leff (2001) que presenta el conocimiento ambiental; de Tuan (1980) sobre la percepción ambiental y la topofilia; y Moscovici (2005) en su enfoque de las representaciones sociales. Entendemos que el trabajo de Manoel de Barros contribuye a la aprehensión de la racionalidad ambiental, a la adquisición de un nuevo significado para el medio ambiente, contribuye al campo de la Educación Ambiental cuando se apodera de una nueva forma de saber, el conocimiento ambiental, además de despertar a una educación más sensible y transformadora, cuando insiste en esta transfusión humana y la naturaleza.

Palabras Clave: Manoel de Barros. Pantanal. Representaciones Sociales. Percepción Ambiental. Conocimiento Ambiental.

INTRODUÇÃO

Este texto objetiva discutir as representações sociais e relações entre humano-natureza, e as possíveis contribuições para a Epistemologia da Educação Ambiental, no espaço geográfico Pantanal apresentadas na obra "Menino do Mato" de Manoel de Barros. Para tal, apresentamos os conceitos de saber ambiental e complexidade ambiental, de acordo com Leff (2009).

O saber ambiental é uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida, ao mesmo tempo em que constitui um saber que vincula os potenciais ecológicos do planeta com a criatividade cultural dos povos que o habitam. O saber ambiental muda o olhar do conhecimento, e com isso transforma as condições do saber no mundo pois busca conhecer o que as ciências ignoram, porque seus campos de conhecimento projetam sombras sobre o real e avançam, disciplinando paradigmas e subjugando saberes. Assim, o saber ambiental constrói novas realidades.

Ainda, o saber ambiental implica a apropriação de conhecimentos e saberes entre as distintas racionalidades culturais e identidades étnicas. Além disso, produz novas

significações sociais, novas formas de subjetividade e posicionamentos políticos ante o mundo. Ademais, se faz assim solidário de uma política do ser, da diversidade e da diferença.

Desse modo, quando apreendemos o mundo, nesta perspectiva, deparamo-nos com uma nova pedagogia. A pedagogia da complexidade ambiental reconhece que apreender o mundo parte do ser de cada sujeito, de seu ser humano. Essa aprendizagem consiste em um processo dialógico que transborda toda racionalidade comunicativa construída sobre a base de um possível consenso de sentidos e verdades.

Assim, a complexidade ambiental auxilia um processo de construção de saberes a partir da diferença do ser. O ser, diverso por sua cultura, ressignifica seu saber para dar-lhe seu selo pessoal, para inscrever seu estilo cultural e reconfigurar identidades coletivas. A complexidade ambiental se constrói e se aprende por meio de um processo dialógico de saberes, na hibridação da ciência, da tecnologia e dos saberes populares.

Nesta perspectiva, o ambiente não é somente um objeto complexo, mas que está integrado pelas identidades múltiplas que configuram uma nova racionalidade, a qual acolhe diversas racionalidades culturais e abre diferentes mundos de vida (LEFF, 2009).

Espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. O espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante de nossa vida diária, é de fato nosso lugar. A valorização do lugar provém de sua concretude, no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções, com todas nossas experiências, tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente (OLIVEIRA, 2012).

Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo (OLIVEIRA, 2012).

O termo topofilia desenvolvido por Tuan (1980) caracteriza-se como o elo afetivo entre pessoa e o lugar ambiente físico. O autor declara sua intenção de contribuir para a compreensão de nós mesmos, pois acredita que sem a autocompreensão não é possível esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que fundamentalmente, são problemas humanos e que todos os problemas humanos “dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos” (TUAN, 1980, p. 01).

Para Milton Santos, a paisagem por ser definida como, “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1988, p. 21).

Os valores não se reproduzem apenas enquanto resultado das ações dos homens entre si, mas também como um modo próprio de representar e relacionar-se com o mundo a sua volta. Para os campeiros, homens, animais e plantas, as forças naturais e sobrenaturais, existem apenas enquanto parte de um todo relacionado e interdependente.

A relação do homem com o ambiente da planície pantaneira obedece às regras tecidas numa convivência secular com o gado, os animais silvestres, e com os ciclos permanentes de cheias e secas (BANDUCCI JÚNIOR, 2007).

Nesse contexto complexo das inter-relações no Pantanal é que se apresenta neste trabalho uma reflexão no campo da epistemologia ambiental a partir da literatura poética de Manoel de Barros, ao retratar este espaço geográfico como importante enredo em sua trajetória biográfica.

A proposta de Leff (2001) sobre um novo olhar dos saberes o qual não trata apenas do saber a respeito do ambiente, mas da construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas que formam significações culturais diversas na perspectiva de uma

complexidade emergente e de um futuro sustentável, nos remete ao pensar/sentir ambiental transcritos na obra de Manoel de Barros, principalmente quanto a sua sensibilidade ao retratar o espaço geográfico Pantanal. Ainda, em perspectiva semelhante, contribuem para esta compreensão os conceitos de percepção ambiental e topofilia (TUAN, 1980) e representação social (MOSCOVICI, 2005).

Neste sentido, a Obra “Menino do Mato” de Manoel de Barros pode nos indicar as representações sociais observadas pelo autor sobre esse importante ecossistema, por meio de suas vivências pessoais, construções de valores e relações com a natureza neste ambiente.

A fim de delinear o presente artigo, definimos as seguintes questões: Quais são as contribuições da literatura poética de Manoel de Barros para uma discussão epistemológica da Educação Ambiental? Quais as representações sociais do espaço geográfico Pantanal são apresentadas por Manoel de Barros na obra “Menino do Mato”? Como é compreendido as relações entre humano e natureza evidenciadas pelo poeta Manoel de Barros na obra “Menino do Mato”?

Como procedimentos metodológicos para a obtenção das questões elencadas, realizamos pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para buscarmos as inter-relações entre os referenciais de Leff (2001) que apresenta o Saber Ambiental; de Yi-Fu Tuan (1980) acerca da percepção ambiental e topofilia; e de Moscovici (2005) em sua abordagem sobre as representações sociais.

A partir dos argumentos destes três referenciais, analisamos a obra “Menino do Mato” de Manoel de Barros, na identificação das representações sociais do Pantanal e nas relações entre humano-natureza neste espaço geográfico.

Justificamos a escolha da obra “Menino do Mato” devido aos versos do poeta sobre um determinado espaço geográfico e à sua fauna e flora, além da narrativa poética que demonstra características do Pantanal, ora na imaginação de um sujeito lírico infantil, ora na captura das imagens que compõem o tempo e o lugar do bioma Pantanal.

ENTRE OS SABERES AMBIENTAIS E A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

A ideia de uma ciência adquirida ou construída por um conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos não é inteiramente verdadeira, pois ninguém inventou a ciência. Ela nasce toda vez que é possível dialogar com a natureza. Não se constrói nada, muito menos se inventa, sem que as ciências tenham dialogado com o que já existe na natureza. A ciência é fruto de um intenso diálogo com o que já existe na natureza, e dá origem a um outro artefato, não melhor ou pior, apenas diferente do anterior (SILVA; REIGOTA, 2010).

A educação ambiental, agindo como possibilidade de diálogo de saberes entre a ciência e a poesia, é nada mais que o novo, onde as “linhas” se apresentam em um emaranhado de reflexões e experiências (SILVA; REIGOTA, 2010).

Os poetas refazem o mundo por imagens e estas, por sua vez, transformam o mundo em poesia. O ver na poesia manolina se afasta da visão empirista da realidade, que se vincula à crença perceptiva do olhar. Em poesia é preciso ver com a imaginação (KRELLING, 2013).

Buscamos apoio na poesia de Manoel de Barros, que nos traz a possibilidade de questionar as tecnociências e a sua situação de conhecimento considerado “superior” por desconsiderar, encobrir ou até mesmo negar saberes construídos e presentes no conhecimento popular, repletos de história, cultura, subjetividade e poesia (SILVA; REIGOTA, 2010).

Os poemas de Manoel de Barros nos direcionam a uma ciência mais próxima do ser, utilizando-se das inutilidades, das coisas insignificantes, dos andarilhos. Tudo que a sociedade ignora e despreza serve para poesia (SILVA; REIGOTA, 2010).

Sua poesia nos (re)conduz a outra ciência, uma forma de falar de natureza e das coisas que nos rodeiam de uma maneira muito simples e, paradoxalmente, muito complexa. A simplicidade de sua construção poética está na primazia e na ascensão por aquilo que é considerado extremamente simples, pelos seres desgarrados de pertencimento, abandonados, esquecidos. O poema é antes de tudo um utensílio (BARROS, 2018, p. 23). Somente as coisas menores têm grandiosidade. Sua poesia fala das lembranças de infância, traquinagens, aprendizagem.

Os títulos de seus livros inicialmente dão uma dimensão do estilo de poesia, ou melhor, o título é a própria poesia, que nos convida para o universo manoelino de ser (SILVA; REIGOTA, 2010).

A seguir, iremos apresentar as análises obtidas a partir da obra “Menino do Mato”, as quais nos levará a uma imersão no universo poético de Manoel de Barros e suas inspirações no contexto pantaneiro.

O OLHAR AMBIENTAL E “MENINO DO MATO”

A obra poética “Menino do Mato”, publicada em 2010, versa sobre as memórias e imaginário poético de Manoel de Barros, com referência no Pantanal, localizado, em sua maior extensão, no estado de Mato Grosso do Sul, e se caracteriza como um dos maiores biomas da geografia brasileira. Na referida obra, o poeta nos leva à representação do universo pantaneiro, a partir da sua percepção sob um olhar poético, único e cheio de significados.

O poeta Manoel de Barros, nasceu em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, em 1916, e ainda criança mudou-se com a família para Corumbá-MS, local em que passou a infância em um ambiente bem característico, o Pantanal sul-mato-grossense, que forneceu elementos em sua poética característicos da região pantaneira, destacando-se como sendo uma das grandes vozes da poesia brasileira contemporânea.

O poeta mato-grossense nos presenteia com suas percepções, memórias, inventadas ou não, sobre seu local de origem, remetendo ao ambiente geográfico do Pantanal, dentro de um contexto de memórias vividas ou imaginárias, uma vez que, se tratando de Manoel de Barros, como o mesmo afirmava, “[...] noventa por cento do que eu escrevo é invenção; só dez por cento é mentira” (BARROS, 2013, p. 361).

A obra Menino do Mato é entoada por paisagens e elementos do ambiente pantaneiro, sendo uma das características da trajetória poética de Manoel de Barros, e por aqueles que possuem memória desse bioma e de suas planícies alagadas. Guimarães (2006) nos reporta que as obras literárias são portadoras de visões de mundo, tornando-se necessário atentarmos para as significações de natureza e de meio ambiente que vêm sendo produzidas, ou seja, de modos de ser e de estar no mundo.

Essa referência sobre o Pantanal, destacada na obra em análise, é fundamental para a composição literária, uma vez que as palavras “úmidas”, banhadas pela poesia do rio, conduz o leitor a mergulhar nas memórias do poeta:

Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives
para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para
alegria das garças. (BARROS, 2013, p. 423)

Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.
Nascem peixes para habitar os rios. (BARROS, 2013, p. 423).

Naquele dia eu estava um rio.
O próprio.
Achei em minhas areias uma concha.
A concha trazia clamores do rio.
Mas o que eu queria mesmo era de me
aperfeiçoar quanto um rio (BARROS, 2013, p. 432).

É importante esclarecer que a obra *Menino do Mato* não é um livro sobre o Pantanal, não descreve essa geografia, ele na verdade anuncia imagens por meio dos elementos que o compõem, como um espaço, um modo de ser, uma experiência de que algo que pode se classificar, a partir de uma visão do lugar para um horizonte por meio do seu olhar ficcional, imaginário sobre o universo pantaneiro.

O próprio poeta Manoel tinha consciência da exuberância e do poder de sedução que a natureza do Pantanal tem sobre os seus pares, e dos perigos desse ambiente ser retratado apenas com um olhar degustativo e contemplativo das belezas pantaneiras (SAVIO, 2004). Ele, consciente desse risco, em sua poética tratou por representar o Pantanal com outros olhos, e a natureza se fez presente, não apenas como um simples cenário ou elemento exótico, mas como um elemento natural de troca entre os seres, como podemos observar a seguir:

Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um
sapo com olhar de árvore.
Então era preciso desver o mundo para sair daquele
Lugar imensamente e sem lado.
A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas
pela inocência.
O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias
para a gente bem entender a voz das águas e
dos caracóis.
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.
Porque a gente também sabia que só os absurdos
Enriquecem a poesia (BARROS, 2013, p. 417-418).

No trecho acima, é possível observar a interação, uma troca natural entre os seres, na qual o humano não ocupa uma posição de superioridade em relação aos outros seres vivos, pelo contrário, o humano, representado por Bernardo, participa ativamente, se

banhando na relação com os demais seres. São seres que praticamente tornam-se bichos ou vegetais. Seria como se os seres entre si se alimentassem e se transformassem, de tal forma que homens se animalizam, ou viram vegetais ou minerais, numa relação que só enriquece a relação humano e natureza (SAVIO, 2004).

A relação humano/natureza retratada, na obra de Manoel, de forma horizontal, em harmonia, em que tudo faz parte do todo, nos desloca aos pensamentos propostos por Leff (2006) de uma nova racionalidade ambiental, que alimenta o diálogo de saberes ambientais e também inaugura uma nova pedagogia, que implica reapropriação do conhecimento desde o ser do mundo e do ser no mundo, a partir do saber e da identidade que se forjam e se incorporam ao ser de cada indivíduo e cada cultura (LEFF, 2009).

Na referida obra, Manoel de Barros centraliza-se sua poética no sentido de “desver” as formas e usos comuns das coisas, da natureza, principalmente no processo contínuo descoberta do mundo, por meio de um olhar primitivo, direcionada para as coisas inúteis, figurando-as em um fazer olhar poético. Na narrativa poética de Barros, Bernardo busca “desver” o mundo da maneira com que ele se relaciona com o mundo. Nas metáforas apresentadas pelo poeta, há uma ausência hierárquica, de soberania entre os seres, na qual faz com que as relações sejam naturais e fecundas.

Bernardo tinha visões como esta – eu via a manhã
pousada sobre uma lata que nem um passarinho no
abandono de uma casa.
Era uma visão que destampava a natureza de seu olhar.
Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma
palavra.
Mas soletrava rãs melhor que mim.
Pelo som dos gorjeios de uma ave ele sabia sua cor.
A manhã fazia glória sobre ele.
Quando eu conheci Bernardo o ermo já fazia
exuberância nele (BARROS, 2013, p. 420).

Manoel de Barros, ao apresentar em sua poesia o seu amor à natureza, inserindo a linguagem dos pássaros e se aproximando das pequenas coisas, nos permite trazer a discussão o conceito de topofilia colocado por Tuan (1980). Segundo o autor, os laços afetivos do ser humano com ambiente material diferem no modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser estética, ao retratar a beleza, tátil, ao reportar a sensação, entretanto o sentimento que temos por um lugar é o mais difícil de expressar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências.

Os passarinhos na obra reforçam a conexão com a natureza e com a infância, e com a leveza das palavras, compondo o lugar de gorjeio da poesia em meio à natureza. É como se os passarinhos, a aves que gorjeiam se misturassem ao geográfico, ao ambiente pantaneiro, permeados por meio da simbologia da imaginação, em meio aos bichos e plantas, como podemos observar nos seguintes trechos da obra:

A gente gostava dos sentidos desarticulados como a
Conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços
de mosca (BARROS, 2013, p. 419).

O menino caminhava incluso em passarinhos.
E uma árvore progredia em ser Bernardo.
Ali até santos davam flor nas pedras (BARROS, 2013, p. 420).

Tu bem quisera também saber o que os passarinhos
sabem sobre os ventos.
A gente só gostava de usar palavras de aves porque
eram palavras abençoadas pela inocência (BARROS, 2013, p. 421).

A manhã estava pousada na beira do rio desaberta moda
um pássaro (BARROS, 2013, p. 422).

Um dia que outro eu contei para a Mãe que tinha visto
um passarinho a mastigar um pedaço de vento. A Mãe
disse outra vez: Já vem você com suas visões! Isso é
travessura da sua imaginação.
É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos
e nos tontos.
A infância da palavra (BARROS, 2013, p. 422-423).

Acho agora que estas águas que bem conhecem
a inocência de seus pássaros e de suas árvores (BARROS, 2013, p.423).

Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
pássaros em minhas árvores (BARROS, 2013, p. 425).

No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol? (BARROS, 2013, p. 426).

A maneira de dar canto às palavras o menino
aprendeu com os passarinhos (BARROS, 2013, p. 427).

Queria que os passarinhos do lugar
escolhessem minhas margens para pousar.
E escolhessem minhas árvores para
cantar.
Eu queria aprender a harmonia dos
Gorjeios (BARROS, 2013, p. 432).

O convívio permanente íntimo com a natureza faz do morador do Pantanal um grande conhecedor da flora e fauna locais, elementos presentes de forma marcante no cotidiano daquelas pessoas que habitam o local, aparecendo no contexto do trabalho, nas relações de troca, nos momentos sagrados e de lazer (BANDUCCI JÚNIOR, 2007), das quais forjam o enredo poético de Manoel, traduzindo em (des)palavras sua aproximação com esse espaço de vivência e experiência do seu percurso literário.

A poética manoelina não assume a postura de registrar a exuberância do Pantanal de maneira exótica, superficial e distanciada, todavia mostra sua percepção de mundo ao engrandecer a riqueza das pequenas coisas, das coisas do chão, na qual refaz a natureza a partir de seu olhar e suas memórias afetivas, arrancando as palavras, os objetos do seu contexto habitual e produzindo nossas significações. Todas as coisas do chão servem para a poesia, em especial as mais simples “cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância” (BARROS, 2013, p. 135), preocupando-se com as “pobres coisas do chão mijadas de orvalho” (BARROS, 2013, p. 318). O poeta utiliza-se da natureza como matéria-prima para os seus poemas, como elemento referencial para onde suas palavras se remetem.

Barros trabalha na tentativa de “arejar as palavras, para que elas não morram por clichês” (MULLER, 2010, p. 54). Para entender sua poesia, é fundamental “voar fora da asa” (BARROS, 2013, p. 278). Segundo Barbosa há um jogo de palavras em que:

O poeta deseja retirar todas as significações já cristalizadas pelo discurso comum, ao produzir novos relacionamentos entre as palavras. Muitas vezes a imagem que produzirá seus versos não nos remete a nenhum sentido, mas a puro jogo de significantes (BARBOSA, 2003, p. 18).

Tuan (1980) ao discutir sobre cultura, experiência e atitudes ambientais nos leva a uma compreensão sobre as diferentes percepções de lugar entre o indivíduo denominado nativo e o visitante. Segundo o autor, o nativo de um determinado local tem uma visão complexa do ambiente que o cerca, derivada da sua imersão da totalidade do seu meio ambiente. A atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente por meio da tradição local, conhecimento e mito.

Deste modo, entendemos que Manoel de Barros, ao assumir o Pantanal como ambiente fértil de suas memórias, conhecimentos e tradições, se coloca como indivíduo nativo ao se apropriar de todos elementos culturais do ambiente que o cerca, valorizando em sua poesia as coisas humilhadas, rejeitadas pela sociedade, na qual há uma impossibilidade da classificação fixa das coisas da natureza.

Barros fará “[...] uma interpenetração dos reinos animal, mineral e vegetal; fará de sua palavra uma extensão da natureza, lugar onde todas as coisas se transformam em outras” (BARBOSA, 2003, p. 100). Deste modo, as palavras adquirirão características físicas, ele utiliza-se das coisas inúteis, desimportantes, transformando-as em arte, fará desses objetos desimportantes extensão da natureza.

Sua linguagem inútil, permeada por objetos inúteis, promove o esvaziamento da significação das palavras, ao mesmo tempo em que alimenta, procura novas formas de relacioná-las, brincando com as palavras. São as formigas, caracóis, lesmas, corixos, rãs, sapos, todos elementos do chão. Sua poética é fundada nas coisas inúteis, nos restos, nos dejetos, nos inutensílios, das coisas sem importância.

E se eu fosse um caracol, uma árvore, uma pedra?
E seu eu fosse? (BARROS, 2013, p. 421).

As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
suas lesmas.
As águas são a epifania da criação (BARROS, 2013, p. 423).

Estes pequenos corixos ainda precisam de formar
barrancos para se comportarem em seus leitos.
Penso com humildade que fui convidado para o
banquete dessas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo (BARROS, 2013, p. 423).

Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs
em minhas areias (BARROS, 2013, p. 425).

Eu vi lírio vegetado em caracol!
Isso não muda a feição da natureza? (BARROS, 2013, p. 427).

Eu não sabia que as pedrinhas do reio que guardava
no bolso fosse de posse das rãs (BARROS, 2013, p. 427).

Bernardo armou sua barraca na beira
de um sapo.
Ele era beato de sapo.
Natureza retrata ele.
Bernardo é criador.
Ele viu um passarinho sentado no ombro do arrebol.
Lagarto encostava nele para dormir (BARROS, 2013, p. 427- 428).

Hoje eu vi um passarinho comendo
Formigas de pedra!
Eu quase duvidei se existem formigas de pedra! (BARROS, 2013, p. 432).

Sua poética é construída por meio do “idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e as moscas)” (BARROS, 2013, p. 314), que é uma reinvenção do poeta para expressar melhor suas promiscuidades com as palavras, ele descobre o valor inútil e das desimportâncias das palavras, dos objetos, celebrando as grandezas do ínfimo.

Manoel de Barros mergulha a natureza do mundo mineral, o mundo inorgânico é transfigurado e o cotidiano apresentado pelo poeta se revela da seguinte maneira:

MENINO DO MATO

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem
Nomeação

[...]

O Pai achava que a gente queria desver o mundo
para encontrar nas palavras novas coisas de ver
assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do
rio do mesmo modo que um garça aberta na solidão
de uma pedra (BARROS, 2013, p. 417).

Neste trecho do livro *Menino do Mato*, Manoel de Barros explicita a necessidade de enxergar “voar fora da asa”, de “desver o mundo”, de olhar o mundo de uma outra maneira, que fuja dos olhos que registram as imagens cotidianamente. O ínfimo, o desprezível está sob o propósito do abandono, mas não na poética de Barros, que transpõe a condição cotidiana no inútil, do ínfimo do cotidiano.

Não há mais obstáculos à imaginação criadora, quando o poeta converte desencanto em encanto. Ele sabe que o humano só é sua própria ruína quando pétreo no desencanto de si. A poesia é como iluminada no escuro. Objeto não obstaculiza sujeito quando já se tem a imaginação ao lado de ambos. Eis a outra essência, quando as coisas inúteis iluminam o desprezo dos dias (MARINHO, 2017, p. 24).

É por meio do chão que Manoel de Barros busca saber o valor do ínfimo, das coisas do chão, que faz o poeta permanecer no precário ouvindo o chão, ouvindo as vozes do chão, de uma forma em que o ínfimo, os trastes alargassem o horizonte.

Bernardo completava o abandono.
Logo encontramos uma criame de caracóis nas areias
do rio.
Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas.
Contam que os urubus, finórios, desciam naquele lugar
para degustar as lesmas ainda vivas (BARROS, 2013, p. 422).

Eu queria mesmo que as minhas palavras
fizessem parte do chão como os lagartos
fazem.
Eu queria que minhas palavras de joelhos
no chão pudessem ouvir as origens da terra (BARROS, 2013, p. 429).

A partir disso, é como se Manoel de Barros nos levasse e nos ajudasse a descobrir o cotidiano tomado pela invenção do poeta. Sua imaginação nos reconduz ao fluxo da vida diária.

Na poética barriana, o poder da imaginação criadora põe termos nessa inter-relação, quando humano ganha forma orgânica (andarilho olhar de aves), quando humano ganha forma vegetal (andarilho olhar de árvores), quando humano ganha forma mineral (andarilho olhar de água), quando coisa ganha forma de vegetal (lata pregada em craca), quando orgânico ganha forma mineral (caracol pregado em pedra). Tudo é tocado pela poética de Manoel e concorre pra formar uma lentidão que se transforma diante dos olhos (MARINHO, 2017, p. 31).

Com a intenção de recompor o cotidiano, nos reconduz à novas percepções sobre as coisas do mundo, transgredindo o domínio da palavra, transvendo as coisas do chão.

A exuberância da natureza que separa o humano da natureza não é a retratada na poética de Manoel de Barros. “A matéria poética reside nisso: no chão, na terra, no que é o mais inferior (ínfimo), no que é mais inferior do que tudo e que, por isso mesmo, não consegue se colar para constituir um todo [...]” (ONETO, 2017, p. 46).

Nem todo fazer poético é transfazer. Nem todo fazer verso e rima atinge essa condição. Transfazer é mais do que fazer poético, é mais do que rima e verso. O Transfazer é estender o poético para além da poesia. E é isto que faz Manoel de Barros ao fazer poesia: põe-nos no estado desta, para nos *empoemar* (SOUZA, 2017, p. 57 – grifos do autor).

Manoel de Barros utiliza de o termo “transfazer” como intenção de desinventar as coisas, sobretudo as palavras, para que elas possam se reinventar, desabrir os seres e as coisas, escapando da forma e da lógica da significação das palavras.

O poeta privilegia os seres ínfimos, rejeitados, considerados “inúteis” por uma cultura que privilegia o consumo, objetos inúteis, nos quais a noção de valores é invertida. E essa característica da poesia de Barros, encontramos em Menino do Mato, em que os instrumentos inúteis, o lixo, o entulho têm primazia na poesia, como o regador de regar rio de Bernardo;

Bernardo morava em seu casebre na beira do rio —
moda um ermitão.
De manhã, bem cedo, ele pegava de seu regador e ia
regar o rio.
Regava o rio, regava o rio (BARROS, 2013, p. 419-420).

O olhar do poeta está para as coisas ínfimas, de vida humilde, pequenas que rastejam dos seres ínfimos. E por falar em Bernardo, talvez seja um dos personagens principais na poética de Barros, em Menino do Mato, o poeta também seu amigo;

Por modo de nossa vivência ponho por caso Bernardo.
Bernardo nem sabia que houvera recebido o privilégio
do abandono.
Ele fazia da natureza como um rio faz, como
um sapo faz, como o ocaso faz.
(Eis um caso que há de perguntar: é preciso estudar
Ignorâncias para falar como as águas?) (BARROS, 2013, p. 419-420).

Leff (2015), nesse sentido, afirma que “é nas comunidades de base e em nível local que os princípios do ambientalismo tomam todo o seu sentido como potencial produtivo, diversidade cultural e participação social” (LEFF, 2015, p. 75). Desse modo, Bernardo tem princípios e atitudes que transbordam as relações entre o humano e o Pantanal, portanto, colaboram para a construção de uma nova racionalidade, a racionalidade ambiental.

Silva e Reigota (2010) ao discutir as relações do humano/meio ambiente retratadas na obra de Manoel de Barros destacam que para o poeta falar sobre Ciências é também falar dos pássaros, falar sem cerimônias dos andarilhos e seus achados, é ver em Bernardo – *ethos* presente na poesia manoelina – que se constrói com a figura do humano, que se aproxima da natureza, num ideal de pertencimento. Personagem representado como íntimo da natureza, um quase bicho, quase árvore.

Ou eu poderia ainda fazer um movimento politicamente e intelectualmente correto; afirmar que o mundo-paisagem do Manoel de Barros é o Pantanal, um dos maiores fornecedores de biomas para o Brasil e para o planeta.

Transformaria o poeta num ecologista generoso. Não é mentira, mas também não é verdade (TUCHERMAN, 2017, p. 88).

Manoel de Barros abre a sua poesia para a multiplicidade de sentidos, como uma forma de expressão estética, desconstrói as regras gramaticais, promove um novo relacionamento entre as palavras, de forma a recriar a linguagem e modificar o sentido das frases, assim, desconstrói a língua. É como se o poeta quisesse se distanciar dos significados das palavras já arraigados na sociedade, aproximando o sujeito à natureza e à produção de novos arranjos para as palavras. Nesse sentido, Enrique Leff apresenta uma reflexão sobre a importância da poesia, quando a ciência e a filosofia já não conseguem dar conta sobre o pensamento.

Quando a ciência chega ao limite do que pode ser pensado sobre a crise ambiental e a sustentabilidade, a teoria transborda sobre a filosofia e esta sobre a poesia. A desconstrução do pensamento filosófico abre novos jogos de linguagem que buscam dizer o impensável, o inefável; o que só pode ser expresso poética e literalmente (LEFF, 2001, p. 275).

Sua poética é permeada pela despalavra onde os sentidos se desfazem e são refeitos. As palavras que emergem do chão, do inútil, daquilo que não tem presteza, e nem funcionalidade. Talvez para Barros, a importância seja exatamente ser desimportante. “As coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 2013, p. 137).

Assim, aceitamos, tal como Moscovici (2005), que os sentidos e os conteúdos que circulam em uma dada sociedade são representados de maneiras variadas. O que implica em entender que essas diferenças estão relacionadas ao jeito de pensar, de se expressar e de compreender o mundo. Assim, Manoel de Barros, na obra analisada, apresenta-nos pelas palavras uma nova possibilidade de compreensão de um espaço geográfico, que neste contexto trata-se do Pantanal.

“Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para a poesia” (BARROS, 2013, p. 136). O mundo, de Manoel de Barros, torna-se imenso com o transver das coisas. As paisagens e suas ideias são contemplações, preenchendo as coisas com sua poética que decompõem os objetos e as coisas, e permitindo, dessa forma, aproximação do humano com a natureza, dentro de uma relação em que o humano não se sobressaia perante a natureza.

Com Barros a readequação do elemento “natural” ganha em eloquência utópica pois o autor “adocece a Natureza” no desejo de transformá-la, dentro da poesia, numa “segunda natureza”, da ordem do intelecto-imageante (MARINHO, 2014, p. 51).

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas à medida que a visão de mundo é construída a partir dos elementos do ambiente social e físico da sociedade (TUAN, 1980). Ao seguirmos a leitura da obra *Menino do Mato*, percebemos a visão de mundo na poética de Barros, em que a paisagem é transvista em imaginação criadora e a transfusão da natureza acontece na linguagem. O poeta realça sons, cores, movimentos que compõem a natureza. Este reinventa a natureza, e a coloca em sinergia com o humano, com os bichos, e com as coisas que margeiam os rios.

A criatividade transforma o ver, reconduz os movimentos, os sons, os odores, as cores para comporem, todos eles, a cena imaginativa de um mundo poético. Nesse mundo, o é apropriado em folha; esse homem tem cheiro de folha. Nesse mundo,

pássaro tem como água a sua essência, esse pássaro é água. Nesse mundo, canto de lagarto verde noturna árvore vermelha. Nesse mundo todas essas relações de transvisão compõem a paisagem inventada (MARINHO, 2014, p. 68-69).

O Pantanal na poesia de Barros é um ponto de partida, de imaginação criadora, na busca por elementos que transveem o real, mediados pela sua linguagem poética, em que o poeta realiza a ressignificação de elementos naturais, de tal maneira que reinventa a paisagem do Pantanal. “O Pantanal visto já não é o Pantanal obsedado pelo olho que vê. O Pantanal (trans)visto é o inventado pela imaginação criadora, burilado pelo trabalho criativo de Manoel de Barros” (MARINHO, 2014, p. 62).

O Pantanal enquanto força telúrica é o singular de Barros. A paisagem singular que por vezes obseda o olho, não é um fim em si, mas meio que, dentro da linguagem mediadora do poeta com o mundo, revela intenções de *desformar* o que o olha impõe como Único: a paisagem em seu estado perceptual puro. O sentido de viver entre formas de vidas singulares. (“sapo nu”, “pregos” primaveris”, “ruínas *que* enfrutam”), de ter a presenta do Pantanal “singular” é o princípio (e não fim em si mesmo) de sua universalização enquanto poeta (MARINHO, 2014, p. 61 – grifos do autor).

Ao encararmos o Pantanal como uma representação social, ou seja, “como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente, e por isso mais móveis e fluidas que as teorias” (MOSCOVICI, 2005, p. 208) o compreendemos como um símbolo que extrapola conceitos: biológico, ecológico e geográfico do Pantanal.

Compreendemos que a obra de Manoel de Barros contribui para a apreensão de uma nova racionalidade, a racionalidade ambiental. Esta é definida por Enrique Leff como uma racionalidade que se fundamenta numa ética em que os comportamentos humanos estão em harmonia com a natureza. Bernardo, na obra, é um exemplo de como o humano pode conviver com a natureza, tanto pela sua admiração quanto pela sua sensibilidade para as *coisas outras*.

Ainda, a obra contribui para a aquisição de um novo significado para o ambiente. Ambiente deve extrapolar o reconhecimento do equilíbrio entre crescimento econômico e conservação da natureza. O ambiente, nesta concepção, deve possibilitar a criatividade cultural e a participação social, além de criar formas de desenvolvimento igualitário e autogestionário (LEFF, 2015).

Por fim, entendemos que a obra de Manoel de Barros contribuiu para o campo da Educação Ambiental quando apreende uma nova forma de saber, o saber ambiental. Esta forma de conhecimento “confronta assim a transparência da linguagem e a consciência do sujeito como pilares da racionalidade científica fundante da modernidade” (LEFF, 2015, p.149). Desse modo, a leitura da obra proporciona momentos de reflexão acerca tanto da relação humano-natureza no Pantanal, como desperta para uma educação mais sensível e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pantanal é onde Manoel de Barros enraizou sua paisagem familiar, construiu sua memória afetiva, evitou os regionalismos superficiais, recusou a poética do endeusamento e idealização das coisas. A geografia fluída representada por interconexões entre árvores

e rios, banhada de sol, como uma transfusão da Natureza na linguagem e sua imaginação criadora se enraíza no espaço do Pantanal, no qual as palavras acabam desaguando em uma cerrada reflexão sobre a Natureza e o humano. Por isso, admitimos que o Pantanal possa ser representação social.

São imagens tonificadas pelas imagens poéticas vertidas em paisagens transvistas, com a sua liberdade do olhar para *rever e transver as coisas no mundo*, em meio a paisagens que residem a infância de Barros. Para Marinho (2014, p. 21) “O que mora nessas paisagens da infância de Barros é a necessidade do belo trabalho (como o poeta vê a poesia) recompor o horizonte de humanidade no homem através dos lugares de memória”.

Manoel de Barros insiste nessa transfusão humano e natureza, transfiguração dos seres, redimindo-se aos esquecidos, “essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e a comunhão com ela” (BARROS, 2018, p.67).

Na obra *Menino do Mato*, Barros mostrou uma poética de exercício de *transver* o mundo, de reinventar as coisas no mundo, ressignificando saberes ambientais e a percepção de ambiente. Reconhecemos na literatura em análise o saber e a complexidade ambiental discutidas por Leff para a compreensão de uma nova racionalidade, denominada racionalidade ambiental, tão necessária para a humanidade, bem como suas contribuições para o campo da Epistemologia Ambiental e os educadores ambientais viventes neste século.

REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JÚNIOR, Á. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande, MS: Ed UFMS, 2007.
- BARBOSA, L. H. **Palavras do chão**: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros. Belo Horizonte: Annalume: Fumec, 2003.
- BARROS, M. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.
- KRELLING, A. G. Quando a poesia de Manoel de Barros e a fotografia se encontram: o olhar infantil sobre o Ambiente. **REU**, Sorocaba, SP, v. 39, n. 2, p. 463-479, dez. 2013.
- LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, set/dez. 2009.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11. ed. Petrópolis: RJ, 2015.
- MARINHO, S. **Manoel ama lembrar**: uma interpretação à poética de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- MARINHO, S. O cotidiano primordial de Manoel. In: SOUZA, E. L. L. (org.). **Poesia pode ser que seja fazer outro mundo**: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 17-31.
- MOSCOVICI, S. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MULLER, A. (org.). **Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- ONETO, P. D. Geopoética de Manoel de Barros, dois movimentos e um adagietto. In: SOUZA, E. L. L. (org.). **Poesia pode ser que seja fazer outro mundo**: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 32-46.
- OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** geografia, epistemologia,

fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-17.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAVIO, L. A poética de Manoel de Barros: uma sabedoria da terra. **Literatura y Lingüística**, Santiago, n. 15, p. 67-80, 2004. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S07168112004001500005&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2020.

SILVA, A. A.; REIGOTA, M. Ciência e poesia em diálogo: uma contribuição à Educação Ambiental. **QUAESTIO**, Sorocaba, SP, v. 12, p. 139-153, nov. 2010.

SOUZA, E. L. L. de. Manoel de Barros e a desfilosofia. *In*: SOUZA, E. L. L. (org.). **Poesia pode ser que seja fazer outro mundo**: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 47-67.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUCHERMAN, I. Devires e revires e de corpos e palavras ou do supremo valor da inutilidade. *In*: SOUZA, E. L. L. (org.). **Poesia pode ser que seja fazer outro mundo**: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 85-89.